



**ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Rua Barão de Tatuí, 544

São Paulo - SP - Brasil - CEP 01226-030

Fone/Fax: (11) 3667-7866 / 3825-7126 / 3825.7317 / aec-sp@aec-sp.org.br

---

## **ENCONTRO DA AEC - CF 2002.**

Dia 24 de novembro de 2001

### **FRATERNIDADE E POVOS INDÍGENAS “POR UMA TERRA SEM MALES”**

#### **Colocações e testemunhos**

*Anotações feitas por Ir. Regina Aurora.*

#### **PRIMEIRO TEMA:**

#### **“OUTROS 500 ANOS ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS”.**

Desenvolvido por Benedito Prezia

*Pesquisador da história indígena, mestre em Lingüística pela USP e coordenador da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo, com vários livros e materiais publicados sobre a questão indígena.*

Este tema é muito importante porque vem resgatar nossas consciências de cristãos, de Igreja. Temos uma dívida para com os indígenas. Durante 20 anos lutou-se junto à CNBB para incorporar este tema à Campanha da Fraternidade. A pergunta de sempre era: O que vamos fazer com este tema, pois os indígenas estão tão longe ?

Dom Casaldáliga assim se expressa :

*“Enquanto o Brasil não assumir com a devida lucidez e honestidade sua trajetória indígena e indigenista – anti-indígena na sua política oficial – este país pluricultural, pluriétnico e plurinacional, não estará em paz com sua consciência, ignorará sua identidade e carregará a maldição de ser oficialmente etnocida, genocida, suicida”.*

Ass. :D. Pedro Casaldáliga – Tataraneto arrependido de conquistador.

Estamos em terrenos delicados. Precisamos conhecer o passado. Precisamos rever a história com olhos críticos. Hoje faltam profetas como o Padre Vieira. Precisamos ter a coragem de fazermos a auto-crítica.

Estamos diante de uma realidade muito dura – o genocídio – a destruição da maioria do povo brasileiro.

*“Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse (a conquista da América). Nenhum dos grandes massacres do século XX pode comparar-se a essa hecatombe”.*

Este genocídio se deu em formas sutis de morte. No Brasil podemos compará-lo aos 4 cavaleiros do Apocalipse que destruíam a humanidade. Foram :

- Escravização
- Bandeiras
- Confinamento
- Doenças

O que um dos cavaleiros não destruía, o outro pegava.

## **1. ESCRAVIZAÇÃO**

É um processo perverso da humanidade, reintroduzido no Ocidente no século XV, por Portugal.

Hoje podemos constatar que esta escravidão se repete. A classe dominante oprime a classe popular, os descendentes de indígenas e de negros, que se tornam vítimas.

Escrevendo ao Rei de Portugal D. João IV, o Padre Vieira bravo defensor dos indígenas, assim se expressa :

*“No Estado do Maranhão, Senhor, não há outro ouro nem prata mais que o sangue e o suor dos índios: o sangue se vende nos que cativam e o suor se converte no tabaco, no açúcar e demais drogas que com os índios se lavram e se fabricam. Com este sangue e suor se mantém a necessidade dos moradores; e com este sangue e suor se enche e enriquece a cabeça insaciável dos que lá vão procurar”.*

O Brasil foi montado sobre o regime escravocrata e não há um empenho em fazer memória disso. Os judeus, por exemplo, sempre lembram o “Holocausto”, onde 7 milhões de judeus foram mortos. Nós ainda não tivemos coragem de resgatar esta memória.

No final do século XVI, havia 10 escravos indígenas para cada português. Eles tinham vida curta porque eram muito sacrificados. No máximo viviam 6 anos. Os confinados viviam apenas 3 a 4 anos. Por isso eram periodicamente renovados. Os portugueses iam buscar mais indígenas nas aldeias, para substituí-los. Eles trabalhavam na cultura da cana de açúcar – modelo de monocultura. Também buscavam drogas do sertão, como: cacau, salsa, peixe, anil ...

O processo de escravidão indígena fracassou. Os senhores diziam que os indígenas eram preguiçosos, mas na realidade eles não estavam habituados ao trabalho forçado. Na cultura indígena são as mulheres que fazem as plantações. Elas são portadoras de fecundidade. Elas geram os filhos e geram os alimentos. Na escravidão, esse trabalho passou a ser realizado pelos homens indígenas que não estavam habituados. Foi contra-cultural. Daí passou para a história que os negros vieram substituir os indígenas que eram preguiçosos. Isso não é verdade. Além disso, os indígenas contraíam muitas doenças. Havia rebeliões e repressões. Um exemplo disso é o Massacre de Ilhéus, narrado no texto-base, na página 22. É o relato de Mém de Sá, ao Rei de Portugal.

*“Na noite em que entrei em Ilhéus, fui a pé dar em uma aldeia que estava a sete léguas da vila... E a destruí, e matei todos os que quiseram resistir. Na vinda fui queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram para trás. Então se ajuntaram e vieram me seguindo ao longo da praia outros gentios. Lhes fiz algumas ciladas e os forcei a jogarem-se no mar... Mandei outros índios reunirem os corpos e colocá-los ao longo da praia, em ordem, de forma que tomaram os corpos alinhados, perto de uma légua (6km) “*

A Igreja teve uma denúncia tardia diante da escravidão. Na fase primeira dos jesuítas - Nóbrega e Anchieta - estavam a serviço do projeto colonial português. Se fracassasse a colonização, fracassaria também a missão dos jesuítas. Por isso trabalhavam juntos.

Em 1580 – Gonçalo Leite e Miguel Garcia se posicionaram contra a “guerra justa” e os escravos “licitamente banidos”. Foram, por isso mandados embora para Portugal.

## **2. ENTRADAS E BANDEIRAS**

A História oficial do Brasil, elegeu como heróis os Bandeirantes. Mas hoje nós sabemos que :

- Os bandeirantes são falsos heróis,
- Os indígenas são os verdadeiros heróis.

As Bandeiras, formadas por mamelucos, eram instrumento de escravização. As Bandeiras Paulistas eram o protótipo de extermínio. Se não bastasse escravizar os indígenas em São Paulo, atacaram também as missões jesuítas do Paraguai (hoje, Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul). Traziam para São Paulo grande número de indígenas. Os que não acompanhavam a caminhada, eram mortos pelo caminho.

O texto-base, no número 59, traz um trecho do relato de Ruiz de Montoya, missionário jesuíta, em 1639, sobre as barbáries cometidas pelos paulistas à redução jesuítica de Sant’Ana, no Paraguai :

*“Achamos aqui assados vivos a homens racionais; crianças, mulheres e varões. É costume comum desses homicidas (os paulistas) que quando vão embora apressados queimem os enfermos, os velhos e os impedidos de caminhar”.*

Os jesuítas começam a denunciar e foram mandados embora. Ao voltar fizeram um acordo que ficariam calados. Foi a fase empresarial da Companhia de Jesus. Em 1759, os jesuítas foram expulsos e seus bens confiscados para reforçar os cofres do rei. Os bandeirantes mais famosos foram : Raposo Tavares, Manoel Preto, Jerônimo de Barros, Borba Gato, Fernão Dias Paes Leme, Anhanguera.

A história nos apresenta como heróis da era colonial, os bandeirantes. As rodovias que levam o nome desses bandeirantes, marcam as **rotas de sangue** por onde passavam as Bandeiras escravizadoras. A mentira que nos foi passada a respeito do bandeirantes como heróis, era tão grande que passou a ser tida como verdade. A imagem física dos bandeirantes foi tirada dos três mosqueteiros da França na

conquista do Canadá. Na realidade, eles eram mamelucos e andavam descalços. Usavam arco e flecha como os indígenas.

Hoje, como professores, somos desafiados a descobrir a verdadeira história oculta desde tanto tempo e passada aos alunos com heróis falsos.

### **3. CONFINAMENTO E CATEQUESE**

Dom Pedro Casaldáliga assim se expressa :

*“E nós, se missionários infiéis ao Evangelho, cravamos em tua vida, a espada da cruz”.*

A cruz para os indígenas representa a conquista dos bancos, a colonização. Era a forma encontrada pelos jesuítas para a catequese. Em São Paulo havia 12 aldeias que formavam as três missões : São Paulo de Piratininga, N. S. de Pinheiros e São Miguel.

### **4. DOENÇAS**

As expedições européias chegavam ao Brasil trazendo doenças como: A peste bubônica ou peste negra, a gripe e a varíola. Muitas vezes estas doenças eram passadas intencionalmente através das roupas, aos indígenas. Na Segunda metade do século XVI, morreram cerca de 70 mil só nas aldeias litorâneas. Eles não podiam se transferir e por isso se contaminavam.

A guerra bacteriológica é antiga. Foi praticada com a varíola e ninguém protestou. Foi denunciada por europeus recém chegados como Maximiliano Wied.

O Dr. Karl Ranke, na pacificação do Xingu, em 1896, assim se expressava :

*“Pobre povo ! Já se pode prever o teu destino ! Com nossa expedição ao Xingu, da qual estamos tão orgulhosos, abriu-se a porta que durante tanto tempo estava fechada e dentro em pouco chegará Pandora e deixará derramarem de seu vaso as bênçãos da civilização. Aprendestes a conhecer o ferro, o cachorro e o gatinho. Mas a epidemia de gonorréia que sobre ti veio como uma onda depois da primeira visita do irmão branco, fará vir atrás de si uma seqüela atrás da outra: sífilis, lepra, sarampo, escarlatina, varíola, febre amarela e escorbuto”.*

Os indígenas valorizavam o que vinha de fora, dos colonizadores. Hoje acontece o mesmo conosco. Só o que vem de fora tem valor. O que é nacional não tem valor.

Hoje vemos apenas os indígenas que sobraram, os remanescentes dos 500 anos de história. Os professores são peças importantes no resgate da verdadeira história dos povos indígenas. O que se pode resgatar, hoje, desses povos indígenas ?

Precisamos questionar nossa linguagem a respeito dos indígenas. Costumamos chamá-los de “índios”. É um termo equivocado. Remonta à época colonial, quando os descobridores julgavam ter chegado às Índias. É um termo vago e pobre. O termo certo é indígena que tem uma conotação de “nativo”, da própria terra. Também costumamos empregar o termo “tribo”. Hoje ele é substituído por “povo” ou “nação”.

Outra sugestão apresentada é trocar os nomes das rodovias que mencionam os bandeirantes, por nomes de heróis verdadeiros, como Galdino e outros.

De onde nasceu o lema da CF/2002 – “Por uma terra sem males” ? No conceito Guarani, é uma terra que não foi tocada, sem mancha, lugar de felicidade onde o alimento está pronto, disponível.

As comunidades guaranis, migravam cada vez que entravam em crise. Recebiam um aviso de Deus, de que o mundo ia acabar. Na teologia guarani, eles acreditavam que o mundo seria destruído se continuasse mau.

Os guaranis estão sempre migrando em busca de um lugar bom para viver, onde se possa ser bem feliz.

Este lema nos leva a refletir sobre que tipo de sociedade queremos construir ? Precisamos nos libertar da sociedade de consumo.

A violência nasce da falta de igualdade. A propaganda mostra, oferece tudo o que é aparentemente bom. Mas a grande parte da sociedade não pode adquirir. É daí que surgem os assaltos, as drogas, a violência. É uma sociedade de mão única onde apenas os ricos têm vez.

Precisamos aperfeiçoar a “dialogética” e não a “apologética”.

## ***O que podemos aprender com os indígenas ?***

**1. O valor da terra** – Para o indígena, a terra é vida. A mata é muito importante para ele. Na mata existem os rios para pescar e para realizar seus rituais. A mata oculta uma flora e uma fauna muito ricas e necessárias para a sobrevivência do indígena. Na mata há espaço para suas caminhadas, seus exercícios, seus rituais.

Como educadores, precisamos despertar no coração dos educandos o amor à floresta, o cultivo e a preservação da mesma.

**2. O valor da comunidade** - para eles a comunidade é mais importante que o indivíduo. Podemos constatar que nossa sociedade é muito individualista.

No meio indígena, quando algum casal se separa, a comunidade assume os filhos. Quando a mulher se separa e arranja outro marido, os filhos são educados, não para a perda mais para o ganho. Não perderam o pai, mas ganharam mais um pai. Entre eles não há excluídos e nem crianças abandonadas.

Nós fracassamos em nosso modelo de sociedade. Quantas crianças na rua ! Com 2 mil anos de cristianismo não aprendemos ainda a solidariedade.

**3. O Valor do coletivo** – Entre os yanomani, por exemplo, existe a grande casa, onde vivem as 24 horas. Repartem tudo, até os pensamentos. Eles pensam alto. Isso requer uma grande ascese.

**4. A valorização dos grupos mais frágeis** – que são: a criança, os adolescentes e os idosos. As crianças têm todo o espaço. Participam com os adultos dos rituais. Elas não são reprimidas. Há um grande respeito por elas. Desde cedo são educadas para serem livres e saber se defender e sobreviver. Elas precisam sair sozinhas à procura de alimento. Se não encontraram, só à noite poderão comer na

família. Não possuem a superproteção da família de nossa sociedade, onde a criança, que tem tudo em abundância, fica sem motivação e passa a exigir sempre mais.

Quando alguém fica doente, toda a família vai junto para o hospital.

Os adolescentes passam pela iniciação à vida adulta. Ficam 2 meses separados, aprendendo todos os rituais de seu povo.

Os rituais visam formar os guerreiros que precisam ser fortes. Fazem muitos exercícios físicos na água, no solo, corrida das toras. Antigamente esta corrida tinha como objetivo treiná-los para carregar os feridos em caso de guerra ou de ataques. Hoje visa o fortalecimento do físico. Nas corridas, não há ganhador. Elas não são competitivas, mas comunitárias.

As mulheres também, carregando seus filhos às costas, são treinadas a carregar os pesados cestos.

Olhando para nossa sociedade que não faz exercícios físicos, percebemos a doença, a obesidade, a falta de resistência física. Tomamos as refeições pesadas e vamos nos sentar para assistir os programas de TV. Isso não é saudável.

Os idosos são muito respeitados. Eles são os sábios. O entrevistado do filme responde : “fico feliz por estar sendo filmado. Esta caixinha é pequena, mas enche meus olhos, pois vai registrar isso para as gerações futuras”. Os idosos são a memória do povo. São uma biblioteca ambulante. Eles trazem viva toda a tradição. Por isso são ouvidos com atenção e respeito. O idoso é “aquele que sabe”.

Os indígenas vivem a economia da reciprocidade. Para eles os bens devem ser repartidos e não acumulados.

Como educadores precisamos resgatar estes povos indígenas. Esta CF/2002, é uma oportunidade para isso. Ela não pode acabar com a ressurreição de Jesus na Páscoa, mas deve perdurar o ano todo.

---

## **TESTEMUNHO DO INDIO FREDERICO**

### ***Situação atual e luta dos povos indígenas***

*Hipãridi Dzutsi'Wa Top'Tiro*

*Xavante da aldeia Idzó'uhu (Abelha), no Mato Grosso,*

*Cursou antropologia na USP e atualmente é presidente*

*da Associação Xavante Warã*

Mostrou-se muito feliz ao ver, pela primeira vez o auditório lotado para a questão indígena. Percebe que as escolas começam a se interessar pela causa indígena, apesar do MEC não colocar no currículo esta matéria.

Disse estar feliz pela vitória alcançada, de os indígenas serem aceitos nas universidades. Ele quer que os indígenas tenham a oportunidade de falar aos colegas universitários sobre a questão indígena. Quer colorir a universidade.

Apresentou a dificuldade que o indígena estudante encontra para conciliar as duas realidades em que vive :

- os rituais da aldeia
- currículo da universidade.

Por que os indígenas querem estudar ?

Para falar a mesma linguagem do branco. “É assim que eu posso nesse instante entrar no coração de vocês”.

Quando pensou em estudar antropologia, foi falar com seu chefe, Juruna. Mas este não se mostrou favorável e lhe disse : “Os antropólogos aprendem a falar besteiras desde cedo, desde a universidade. Você pode falar melhor, mas não convence. Pode se tornar, como eles, apenas um teórico”.

Foi então percebendo como a Universidade não prepara bem o estudante para as pesquisas de campo. Ensina que ao visitar a aldeia ele deve comportar-se e anotar. Ao fazer isto, ele foi percebendo que quando chegava na aldeia, ele se preocupava em anotar, em entrevistar as pessoas. Aos poucos foi ficando sem amigos, até entre seus parentes. Os cadernos passaram a ser seus melhores amigos. As pessoas se negavam a dar entrevistas e ele percebeu que estava só preocupado em tirar de sua cultura e não em contribuir para enriquecê-la

Fez também esta constatação : “Nas universidades as elites tomam champanha e a gente apanha. Será que estudar é se relacionar com o povo ou tomar champanha ?” A gente pode usar as coisas de outra cultura, não para se esquecer da própria, mas para enriquecê-la. As culturas se completam. Estamos sempre aprendendo.

Por três coisas o indígena briga :

- 1ª) Pela preservação do cerrado – que é a vida do indígena.
- 2ª) Pela sensibilização da sociedade e das escolas pela causa indígena.
- 3ª) Para que elas se juntem à gente, neste momento de luta.

Ele acrescentou : “Aposto na educação. Não na que se dá hoje, mas numa educação diferente”.

Fez um pedido de vaga, no ensino médio, para duas meninas indígenas de seu povo.

Disse que luta pela causa indígena como um todo. Se perceber que estão se desviando, ele se retira porque quer viver com dignidade.

---

***TESTEMUNHO DE IRMÃ NAIR,  
Serva da Santíssima Trindade.***

É indígena, Terena, de Mato Grosso. Saiu da aldeia para se tornar Religiosa. Encontrou e encontra dificuldade em conciliar a vivência de sua religião como indígena e a vivência da Espiritualidade, do Carisma e da Missão da Congregação, onde vive a maior parte do tempo e participa da vida comunitária nesta sociedade branca.

Ela luta pela preservação da cultura indígena, pela alimentação, pela implantação de escolas no meio indígena. As escolas dos brancos, que as crianças indígenas freqüentam, destroem a cultura indígena porque só ensinam e falam português.

Em Dourados, no MT, existe a escola dentro da aldeia. Isso facilita a preservação de sua cultura. Ela fez alguns pedidos e dentre eles o de serem mais conhecidos nas escolas dos brancos, de serem aceitos nas escolas.

Seu objetivo de viver na sociedade dos brancos, é conciliar as duas culturas. Hoje os indígenas, principalmente aqui na cidade de São Paulo, vão perdendo espaço. Não conseguem realizar seu ritual de oração no espaço que é sagrado como a Igreja para o branco. Eles vão desanimando, mas não perdem a vontade de viver.

A Ir. Nair conta com os professores que podem ajudar a integrar e valorizar as três sociedades : negra, indígena e branca. Que o esforço não se faça somente na CF, mas que se prolongue durante o ano todo e nos anos seguintes. Geralmente a CF dura até a Páscoa. Quando Jesus ressuscita, a CF morre.

---

### **TESTEMUNHO DE IRMÃ RUTH** ***Serva do Espírito Santo***

Ela trabalhou durante 9 anos, como enfermeira, junto aos yanomani. Gostaria de destacar 4 pontos :

1º) É um povo **livre e alegre**. Precisa de pouca coisa para ser feliz. O restante complica a vida.

2º) Eles têm boa **saúde**, comendo coisas naturais, lagartinhas... Seus dentes são bem sãos. Isso contrasta com nossa sociedade que consome pratos lindos, que são venenos coloridos e prejudicam a saúde.

3º) **Comunicação** – a importância do diálogo e da escuta. Dialogam de 2 a 2. Quando um fala o outro escuta e depois reveza. Este ritual se realiza em três ocasiões:

- **Na visita** – quando chega alguém para visitar, acontece a recepção, os cumprimentos, a partilha de experiências, as negociações.

- **Na reconciliação** – na grande festa, antes do auge, a pessoa que precisa se reconciliar, vai procurar a outra pessoa e dialoga com ela. Tem aí o espaço onde pode falar tudo o que quiser e precisar. Uma fala e a outra escuta. Depois troca.

- **No conflito** – Se resolve no diálogo. É um momento quente, mas há respeito e escuta. Um não pode interromper o outro. Há o tempo para cada um falar e ouvir. Assim eles não se agridem. Isso se realiza na casa comunitária, diante de todos.

4º) **Autoridade** – a liderança é coletiva. Prevalecem os mais idosos que são sábios. Existem lideranças naturais. Mas todos podem colocar o que pensam e são ouvidos. A autoridade que existe é a do sogro sobre o genro, mas somente até a chegada do segundo filho.